

Amazônia filtra gás carbônico e melhora a atmosfera da Terra

Sérgio Adeodato

MANAUS — Na polêmica novela do efeito estufa e das mudanças do clima global, o Brasil está prestes a abandonar o papel de vilão, transformando-se no mocinho salvador da pátria. É que os cientistas estão encontrando indícios de que a Amazônia, ao contrário do que pensavam, está atuando como um potente filtro do gás carbônico liberado na atmosfera do planeta. Dados preliminares que estão para ser publicados no *Journal of Geophysical Research*, pelo cientista Steve Wofsy, da Universidade de Harvard, mostram que a floresta pode estar absorvendo mais gás carbônico do que emitindo, hipótese até então descartada pelos cientistas.

Medições do gás carbônico feitas pela equipe norte-americana, durante dez dias, em maio de 1987, na estação da Reserva Duque do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), 25 quilômetros ao norte de Manaus, revelaram que no ciclo de respiração da floresta — em que o gás carbônico é liberado — e de fotossíntese — quando o gás é absorvido, existe um saldo positivo de seis quilos diários de carbono por hectare.

O pesquisador Luís Carlos Molion, do Inpe e do Instituto de Meio Ambiente da Amazônia (Ima), que divulgou ontem os números no simpósio Forest 90, ressalva que os dados foram coletados num curto período da estação chuvosa, quando os poros dos vegetais absorvem mais carbono e água que chegam da atmosfera. Mas acredita que é possível a floresta estar sequestrando da atmosfera o carbono que contribui para o efeito estufa. "Na verdade, a Amazônia está controlando o efeito estufa ao absorver a poluição gerada em todo o mundo,

inclusive pelos países que mais criticam as queimadas das florestas brasileiras", afirma. A idéia do pesquisador é comprovar definitivamente essa hipótese através de novas medições feitas dez dias por mês, durante o ano inteiro.

Transformação — Há outros indícios desse saldo positivo de carbono, que é absorvido do ar e transferido pelos vegetais aos solos e sistemas aquáticos. "Além das turfas existentes ao norte do Rio Negro, temos o gás natural e o petróleo, que ao longo de milhares de anos se formam no subsolo da floresta devido à absorção de carbono", diz Molion, ao lembrar que, num espaço de tempo mais curto, esse carbono está ajudando a assorear rios e lagos e a enriquecer os solos com matéria orgânica.

Outros números mostram que a Amazônia absorve pelo menos a mesma quantidade de carbono emitida na atmosfera pela queima de óleo combustível no Brasil. O pesquisador Jeffrey Richey, da Universidade de Washington, mediu durante oito anos a quantidade de carbono transportada pelo Rio Amazonas ao oceano, após ser absorvido pela floresta. Anualmente, são transportadas 32 milhões de toneladas, enquanto o Brasil emite no ar 35 milhões de toneladas de carbono através da combustão.

Os brasileiros têm outro trunfo nas mãos quando sentaram na mesa de negociação com diplomatas de outros países na conferência da ONU de 1992. Uma equação matemática montada por Molion mostra que se queimarem hoje toda a Amazônia (550 milhões de hectares, inclusive de outros países), sem restar uma árvore, a taxa anual de carbono na atmosfera só aumentaria em 5,8%. Esse aumento, correspondente a 41 bilhões de toneladas de carbono, é equivalente à

quantidade de carbono liberada no ar durante sete anos pela queima de carvão e óleo nos países desenvolvidos.

Outras fórmulas matemáticas colocam em dúvida a certeza de organismos internacionais, como o Instituto de Recursos Mundiais dos Estados Unidos, de que as queimadas estão liberando 540 milhões de toneladas de carbono, por ano, na atmosfera. Na verdade, segundo Molion, esse número pode variar de 38 milhões a 1.875 milhões (1,8 bilhões) de toneladas, ao levar em consideração a taxa de desmatamento anual, a concentração média de carbono na árvore, a área e a quantidade de árvores, para uma queima cem por cento eficiente. "Há uma incerteza muito grande", ressalta o cientista.

Molion está também convencido de que, pelas curvas de temperatura global ao longo dos séculos, o planeta está entrando numa era de resfriamento e não de aquecimento, como prevêm aqueles que estão preocupados com o efeito estufa. "A terra tem nove vezes mais chances de estar entrando num período de glaciação", aposta o cientista. Segundo ele, durante o último milhão de anos, o planeta passou por nove glaciações que duraram cem mil anos cada. Entre esses períodos, ocorreram fases mais quentes, com duração de dez mil a doze mil anos. "Atualmente, estamos vivendo esse período quente, quinze mil anos após o término da última glaciação", assegura Molion.

"Esses dados vão ajudar nossos diplomatas", prevê Molion, ao informar que os norte-americanos e os alemães estão treinando seus diplomatas para 1992. "Afinal, os maiores bandidos precisam dos melhores advogados", ironiza o cientista.